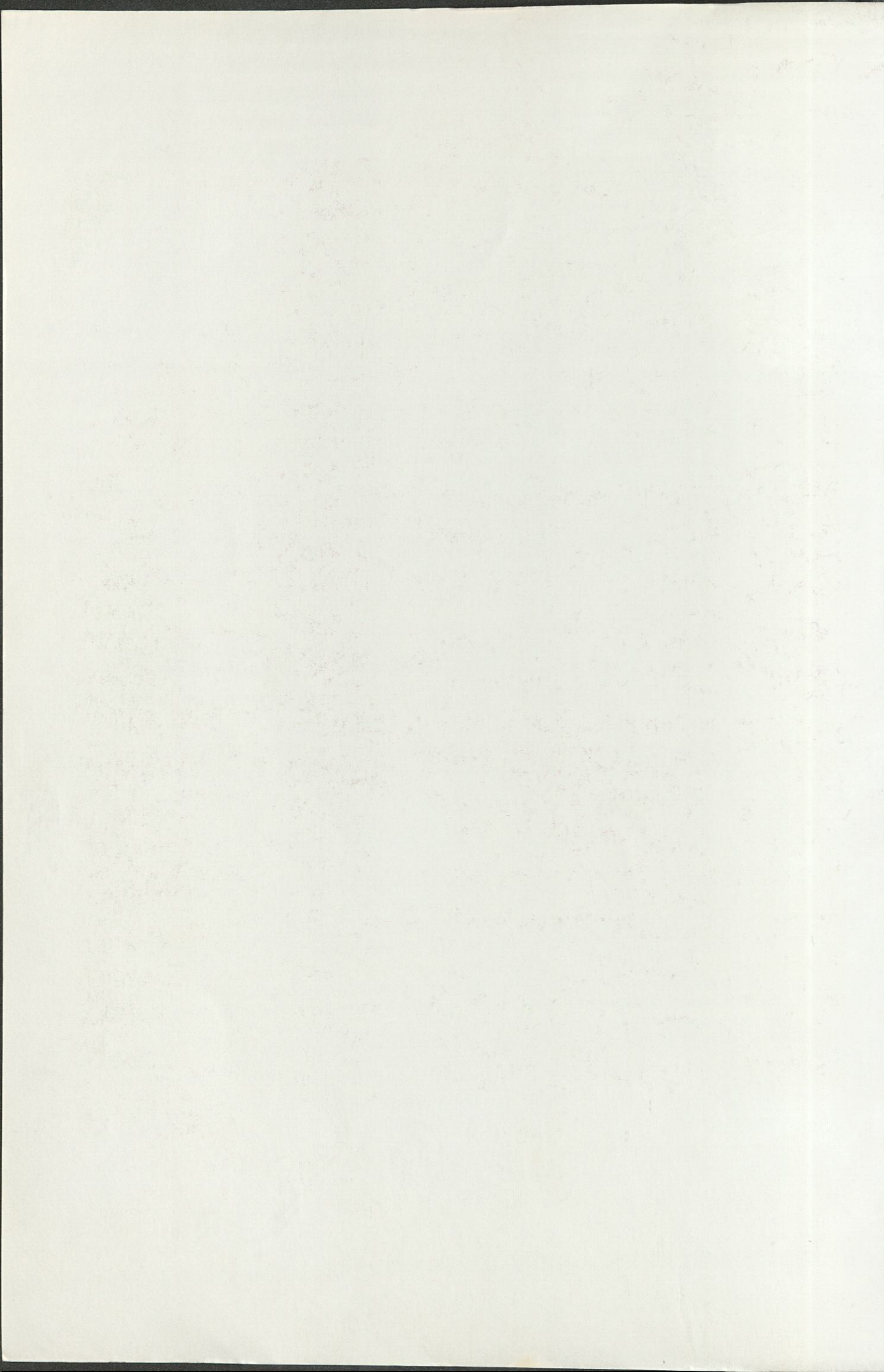


O F I C I n A d e





OFICINA DE POESIA



NOMBRE	RESUMEN
1903	...
...	...

...

OFICINA DE POESIA^v

1

Revista Critica
de
Ciencias Sociais
Biblioteca

Revista de
Recuperação

Autor _____
Titulo Oficina de poesia. 1, 1998

n.º de registo _____

Data req.	REQUISITANTE - NOME	Data entr.
13/8/04	Itaciz José Canale	13/8/04
20/10/04	Rti Alberto (FEUC)	1/1
1/1		1/1



centro de estudos sociais

apartado 3087
3000 Coimbra
Portugal

FICHA TÉCNICA

Título: Oficina de Poesia

Organização: Graça Capinha

Secretária: Sandra Guerreiro

Capa: Célia Gonçalves

Composição: Nuno Serra

Apoios: Centro de Estudos Sociais

Edição: Conselho Directivo da

Faculdade de Letras,

Universidade de Coimbra

2005

UMA OFICINA. DE POESIA?(!)...

Coord.: Graça Capinha

De quando em vez há o espanto nos olhos dos nossos alunos. De quando em vez alguns poemas que nos entram por debaixo da porta dos gabinetes. De quando em vez, exames que se escrevem poemas. De quando em vez algum que se confessa atacado pelo sortilégio da criação, só, incomunicável.

Ensinar literatura é toda uma lição. Ensinar poesia, toda uma nova literatura: um processo permanente de re-aprendizagem de leitura que todos os anos cada aluno nos traz.

Quando comecei o curso de Literatura Inglesa I ("Vozes da Poesia Contemporânea"), há já alguns anos, os pedidos repetiam-se: "podia ler-me estes textos?", "podíamos criar um grupo?", "então não disse que era depois da Páscoa?". E acabou por ser depois da Páscoa: um grupo de nove, das seis às oito, uma vez por semana, perguntando-se "Que é a Poesia?", "Que trabalho é este que se me impõe?", "Materialidade e/ou inspiração?", "Cânone ou experimentalismo?", "Que função social?", "Que tradições poéticas?", etc., etc.; depois partiu-se para os exercícios, com temas, com determinadas técnicas, derivando, estabelecendo variações; e sempre, a leitura pública do trabalho original e novo — semanalmente, no grupo, mas também, ocasionalmente, noutros espaços, para um outro público. Finalmente, no ano lectivo de 1997-98, a minha proposta e a aprovação pelo Grupo de Estudos Anglo-Americanos e pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra de um Curso Livre, anual, a que chamei "Oficina de Poesia".

Cursos de Escrita Criativa? Ou, como eu própria diria há alguns anos atrás, "modas americanas"? Continuo convencida de que não é possível ensinar alguém a ser poeta. Mas o meu cepticismo acerca da Escrita Criativa teve por força que ser revisto quando entrei pela primeira vez no Programa de Poética da Universidade de Nova Iorque, em Buffalo, e quando pude participar nos seminários de Pós-Graduação dos poetas/professores Charles Bernstein, Robert Creeley e Susan Howe. Porque aprendi, rigorosamente, que a Poética é também, e sobretudo, uma prática. Porque a escrita é também uma actividade que exige técnica e domínio sobre a matéria a que se dá forma. E hoje, agora já no fim de mais um ano, porque o confirmo nas vozes destes jovens poetas que, entusiasticamente, me acompanharam em sessões semanais que de três horas passavam muitas vezes a quatro ou cinco: "não sei que é que me aconteceu, que já não gosto do que escrevia antes" ou "agora dou por mim a *limpar* os meus poemas! A eliminar adjetivos, a acrescentar silêncios!...", ou outra mudança qualquer.

O curso não foi mais do que um desafio à reflexão, um encontro com a escrita dos outros (também dos colegas), um convite ao jogo e à queda na matéria do texto, para um encontro com a sua própria escrita. De facto, não os ensinei a ser poetas. Essa continuará a ser uma tarefa impossível. Procurei apenas oferecer-lhes uma oportunidade de fazerem uma aprendizagem consigo próprios. Os poetas foram os docentes. Eu, mera coordenadora, a quem foi dado o privilégio de poder observar os momentos mágicos em que o campo fértil da poesia se lhes abriu, como diria um dos meus poetas preferidos:

Often I am permitted to return to a meadow

as if it were a scene made-up by the mind,
that is not mine, but is a made place,

that is mine, it is so near to the heart,
an eternal pasture folded in all thought
(...)

Robert Duncan, *The Opening the Field*

Alfonso Hernández Torres

Estoy aquí y te hablo
para que me escuches
en los días absurdos,
para que creas que yo
puedo ser tú
y disfrazarte de mí,
para que puedas andar

ALFONSO HERNÁNDEZ TORRES
Filologia Hispânica
(Programa Sócrates-Universidade de Granada)

El Coleccionista de Imágenes

I
Estoy aquí y te hablo
para que me escuches
en los días absurdos,
para que creas que yo
puedo ser tú
y disfrazarte de mí,
para que puedas andar
entre luces de iris
y destroces tu alma
cuando te veas en el agua.

II
Camina
por los jardines
de los jardines
de aquel invierno
en que el albedo del viento
volvía loco a los locos
manteniendo esos a osos
sobre paredes amarillas
crujidas en azules y blancos
destrozados por el tiempo
y carcomidos
por tantas paisajes
por tantos sentimientos
que se ducharon allí eternos.

III
Cogí el sombrero,
limpié sus manos
y lo tiré al mar,
solo me quedé con uno de sus hijos,
que todavía sufre,
como por la arena
y voló hasta la vida,
que sin tener una aguja
para coserla.

El Coleccionista de Imágenes

I

Me dejé la realidad
dentro de la oscuridad
de un sombrero de pájaro
y me froté las manos
porque estaban vacías
llenas de flores de hielo
que se derretían
y llenaban de su sangre
de miedos y deseos,
el azabache suelo
de mi sombra.

II

Caminé
por rios de fuego,
fuentes de nostalgia
y plazas amargas
que mostraban:
la sordidez y el silencio,
estrellados contra los árboles
de los jardines grises
de aquel invierno,
en que el silbido del viento
volvía locos a los locos,
matándose unos a otros
sobre paredes amarillas,
envueltas en azules y blancos,
destrozados por el tiempo
y carcomidos
por tantas palabras,
por tantos sentimientos,
que se quedaron allí eternos.

III

Cogí el sombrero,
limpié sus manos
y lo tiré al mar,
solo me quedé con uno de sus hilos,
que todavía sufría,
corrí por la arena
y volé hasta la vida,
que aún tenía una aguja
para coserla.

Renacimiento

No quiero fundir mis versos
en el paso de las noches
que sin remedio me abandonan
y dejan segundo a segundo
el olor de mis poemas.
No quiero dejar la vida
que se encuentre con la muerte
porque quiero remedio
a mi alma que se expresa radiante
en este mar de palabras.

No quiero ser una letra
en la máquina de la existencia
porque en ella se haya:
la desilusión de mí mismo
y de mi amor a nada.

Hado

Rías del olvido
que permanecéis ocultas
sin fermentar tu llanto,
no podrás acabarlo.
Tendrás miles de flores
de cunas y manos
de leña caliente
sin chimenea de asfalto,
tendrás miles de cantos.
Rías del olvido
no intentes callarme,
porque de mí una llama
se prende brillante
y de tí un lago
de aguas estancadas
de azul palpitante.
Deja pasar esta penumbra
y no olvides apagarla.
No importa el tiempo
que permanezca encendida,
si tú de la escarcha
prendes azucena
y no te dejas arrastrar
por las rías del olvido.
Porque perderás el rumbo
y nunca podrás alcanzarme.

Embrujo

Sábes luna
si en tu blancura ocultas
la belleza gitana de tu cara?

Eres tú entre suspiros
el llanto y la pena
de mi Granada?

Viento, sábes
si en tu apariencia
de mar sereno
dejas en mí tristeza
de mi Granada?

Amor brujo,
noche, estrellado con agua,
danzas de la vida y el recuerdo
en una flor : de azul cielo
y grana apasionada.

Viertes
tu soledad misteriosa,
por grandes manantiales,
estrechas calles,
en la oscuridad de verano
con olor a frescor y agua.

Embudo

Embudo

Sábese bien que en la vida
si en tu corazón
la belleza sigue de tu vida

Éste te sigue siempre
el llanto y la pena
de mi corazón

Viento que en tu corazón
de mi sereno
dejas en tu vida
de mi corazón

Amor que
noche, cuando en tu vida
danza de la vida y el amor
en una flor

Y como siempre
Viento
tu soledad
por grandes momentos
estrechos estos
en la oscuridad
con olor a tierra y a mar

e se os caules deixassem pasmadas confrangedoras alianças
as folhas nulas perante as canjejas
o apagamento súbito da partícula nem um
dente de asa-cor submerge agora à perenidade do sempre
húmus entre ANA MARIA PEREIRA ausência
Línguas e Literatura Modernas (Inglês/Alemão)

ANA MARIA PEREIRA
Linguas e Literaturas Modernas (Língua Alemã)

e se os caules deixassem pasmadas confrangedoras alianças
 as folhas nulas perante as carquejas
 o apagamento súbito da partícula nem um
 dente de asa-cor submerge agora à perenidade do sempre
 húmus enregelado esperando a au au ausência
 no círculo defensivo do caos

LANGU
 AGE
 AWARE
 NESS
 NO
 ONE
 REAL
 LY
 MAKE
 S
 CRACK
 ERS
 LIKE
 CARR'S

But the walls were never closer

It's in my Bed that Flowers grow — she said

where small brooks travel in; the; middle;

of; it Feed upon us

suck each others tails

leave us with the recognition

Could we ever expect to jump out of the
fucking phenomenon

finding alternative lines:

a) could we ever expect to jump out of the damn phenomenon?

b) could we ever expect to jump out of the *?!* phenomenon

c) could we ever expect to jump out of the F.....phenomenon

Language Awareness

the field of meanings

an empathy

we sit and drink

PennyRoyalTea distilling

whatever's inside of us

there was something else

Oh well, whatever, nevermind

de
estudo
deixou
de
sentir

as amendoas
que lhe floresciam
nos
pés.

a imitação
trêmula
dos pedregos ramos
apenas

extremidade do outro lado
da sombra e vontade

C A P A S N E G R A S
C A R P A S N I G R A S
C A S P A S M A G R A S
C I S P A S M I G R A S
C O S P A S M U G R A S
C U S P A S M O G R A S
C O P U S M A G N U S
C O R P U S N A D A S

visível nos seus pálios

eram os milhares saicos
de uma grandeza
de assombrosas
espanto

o todo foi das pétalas negação
do fruto a essência

LANGU
AGE
AWARE
NESS
NO
ONE
REAL
LY
MAKE
S
CRACK
ERS
LIKE
CARR'S

de
súbito
deixou
de
sentir

as amendoeiras
que lhe floresciam
nos
pés.

visível aos seus pálidos olhos

a irrupção
trémula
dos pequenos ramos
apenas

eram os milhentos sulcos
apreciando a grandeza
a verticalidade assombrosa
do espanto

do símbolo fodido das pétalas negação
apenas do fruto a essência

Ela

extraída do outro lado
da sombra a vontade

C A P A S N E G R A S
C A R P A S N I G R A S
C A S P A S M A G R A S
C I S P A S M I G R A S
C O S P A S M U G R A S
C U S P A S M O G R A S
C O P U S M A G N U S
C O R P U S N A D A S

de
otidus
noxas
de
tunc

as amandemas
que the floresciam
nos
pés.

a ampuca
trémula
soma ramos
aperas

C A PASN EGRAS
CARPASN IGRAS
CASPASMAGRAS
CISPAS M IGRAS
C OSPASMUGRAS
CU SPASMOGRAS
C O PUSMAGNUS
CORPUSNA D A S

estudo sobre as letras

estudo sobre as letras
estudo sobre as letras
estudo sobre as letras
estudo sobre as letras

estudo sobre as letras
estudo sobre as letras

Est

estudo sobre as letras
estudo sobre as letras

Taufi Frutti

E a omnipresença da morte sempre ubíqua e vigilante
E todas as ausências que se transfiguraram
Com sombras silenciosas e todos os ruídos
Que desempenhariam acidentalmente
E de

CARLOS RAMOS

Línguas e Literaturas Modernas (Francês/Inglês)

E todas as distâncias dentro da mesma alma
E todas as tristes figuras do poeta nas horas
De dor e todos os sentimentos obsessivos
Que todam a razão e todos os suplicios
Que florescem nestes jardins omíacos
E toda a devastação infinita e todo o vazio
E a consciência inconsciente deste mesmo vazio
E chegar à conclusão que afinal de contas
E bem vistas as coisas não há nada mas
Mesmo nada a dizer.

CARLOS RASÍOS
Laguas e Literatura Moderna (Trabalhos)

Tutti Frutti

E a omnipresença da morte sempre ubíqua e vigilante
E todas as ausências que se transfiguraram
Com sombras silenciosas e todos os ruídos
Que desempenhariam acidentalmente
E de forma paradoxal o papel de *background*
Nestes ritos impossíveis de comunicação
E todas as hesitações e todos os medos
E todas as distâncias dentro da mesma alma
E todas as tristes figuras do poeta nas horas
De dor e todos os sentimentos obsessivos
Que toldam a razão e todos os suplícios
Que florescem nestes jardins oníricos
E toda a devastação infinita e todo o vazio
E a consciência inconsciente deste mesmo vazio
E chegar à conclusão que afinal de contas
E bem vistas as coisas não há nada mas
Mesmo nada a dizer.

Inferno na Estrada Nacional

Uma caçadeira boçal apontada aos miolos
E o profeta louco apenas recorda
Aquele baile de máscaras há tanto tempo atrás
Um baile de enganos em que esquecera o disfarce
E sobre a carne nua como marcas de estiletos
As marcas de pedras ponteagudas
Abrindo caminho qual escarlate via láctea
Num jeep com dois ogres asquerosos
A sombra de pálidas princesas
A evasão volátil a amigável invasão do palco
O martírio renovado na impotência dos cristos
De todas as formas e feitios

Breve Encontro

Qual é o nome da minha morte, perguntaste.
Respondi: disseram-me "estás aqui" e só isso sei
Pois foi tudo o que me disseram. Mas eu preciso
Mesmo de saber, insististe. Se o soubesse,
dir-to-ía, mas nem a sabedoria nos pode salvar.

The Permanence of Emptiness

Sobre um universo quadriculado
Desenha-se a sombra indistinta
Das mãos dos Criador. Os tolos em volta
Sabem que essa é que é essa.
Alguém disse *every life is sacred*.
Buda caminhava pela montanha
Substituindo o pensamento
Por estados d'alma mais subtis.
Imagens de sonhos menos doces.
A areia escorrendo, entre dedos
Qual ampulheta pouco antes
De ser virada pela última vez.
Canto ritual conceptualizado em trevas.
A descoberta psíquica. Algo que
Não existe. Ou, pelo menos, assim parece
Aos entendidos na matéria. Após
A desintegração da matéria, resta
O nada e o nada é a essência
De tudo.

Carlos Ramos

fait divers

CÉLIA GONÇALVES

Línguas e Literaturas Modernas (Português)

Avestruz gigante invade a cidade
e todos os terminais da rede informática
atinge a onipotência mediática
factura milhões em publicidade.

Resumo do artigo de Carlos Ramos

Este artigo discute a importância da educação para a formação do cidadão crítico e consciente. O autor defende que a escola deve ser um espaço de diálogo e de construção coletiva do conhecimento, promovendo a participação ativa dos alunos. A formação do indivíduo não se resume à aquisição de conteúdos, mas envolve o desenvolvimento de habilidades e atitudes que permitam a atuação responsável na sociedade. A educação deve preparar o aluno para enfrentar os desafios do mundo contemporâneo, estimulando a criatividade e a capacidade de resolução de problemas.

Palavras-chave: Educação, Cidadania, Formação, Diálogo, Participação.

Célia Gonçalves

Depois em retirada

Depois disparar

depois escadas nas tristes mãos

depois conseguem dizer cruzinhas

CÉLIA GONÇALVES

Línguas e Literaturas Modernas (Português/Inglês)

depois os mil entram nas luzes

e disparam

excedem-se

Todos os dias fazem pares de amor

Eu estou lá

sempre lá

Pares loucos como eles sempre a dormir

Eu estou lá

sempre lá.

Faço-me abrir.

CÉLIA GONÇALVES
Linguagem e Literatura (1970-1980)

Célia Gonçalves

Escutámos à porta.

Não pude.

O golpe saiu.

Com água oxigenada.

Nem sequer
Depois em retirada

Por isto que
Depois disparar

Aié logo,

já não
depois escadas nas tristes mãos

E eu, que sei?

depois conseguem dizer cruzinhas

Surrounded

Susurrar

e virar-se

Um bilhete
depois os mil entram nas luzes

e disparam.

excedem-se

Queria
Todos os dias fazem pares de amor

Eu estou lá

sempre lá

Pares loucos como eles sempre a dormir

Eu estou lá

sempre lá.

Faço-me abrir.

O cavalheiro ficou enfermo.

Escutámos à porta.

Não pude.

O golpe saiu.

Com água oxigenada.

Nem sequer há estes.

Por isto quero enteirar-me de tudo.

Até logo,

já nos veremos.

E eu, que sei ?!

Surrounded

Sussurrar

Um bilhete estava na cadeira onde um cachorrinho costumava dormir. O cão chamava-se

“ homem gorducho lindo do pomar ”

Queria latir

latir

Ti Ti

Toc

Toc

Ti Ti

TOC

Fica quente, derrete cinza no enquadramento do verso

Raspa o coração, afasta o fumo grosso
do espírito passado.

Tem aspecto p r o l o n g a d o.

Parece sonoridade — vadio
Parecem frios de sugestão

Ou uma crónica inexistente.

— a dificuldade do isolamento pessimista

dá-me dinheiro
passa-me uma revista

Explica-me o hálito do evento

Passa-me um cenário de jardim

Fuma qualquer coisa palpável

FORMA

distribui uma orquestra material

Faz um deles de mim.

Abri a porta

Sentada no meu lábio chuvoso.

Privei-me.

Comecei a falar de sol.

Atirei-me duma janela da cave.

Abri a porta e entrei

de novo.

Sempre de lado.

deste lado do sol

Onde a minha barriga descansa

e os meus pés riem

As mãos.

— Não

As mãos servem só para desejar

Desejar tudo o que encontram

Até a si mesmas.

Até a mim.

A mim me desejo nesta janela alta

da cave

e desejo as minhas mãos.

podres de suaves.

Clara a noite
Cega o frio
Forte o medo
De frente p'ra mim

Palavras
Soltas
Secas

CRISTINA NÉRY
Línguas e Literaturas Modernas (Português/Inglês)

Deitadas
Que ferem
Os espaços
Que tocam
Mordaças
Sem graça

Perpassa intacto
O impasse do tacto
Regressa à peça
Do tempo só tempo
Escasso momento
Intenso de tento
Que volta p'ra dentro
Perto do centro
Meio do fim

Clara a noite
Cega o frio
Apaga o medo
De frente p'ra mim

Alto a pena

— Quando ao meu livro rhovoso.

Prisei-me,

Comprei a falta de ser.

CRISTINA MERY

(Linguas e Literatura Moderna (Linguística))

Alto a pena e alto a pena

de novo.

Sempre de novo

— darte todo de ser

Quê a minha benigna descansa

o os meus pés riem

As mãos.

— Não

As mãos servem só para desejar

Desejar tudo o que encontram

Ah! e si nada.

Ah! a mim.

A mim me desejo nesta janela alta

de cave

e desejo as ranhuras altas

podres de suaves.

Clara a noite
Cega o frio
Forte o medo
De frente p'ra mim

Palavras

Soltas

Secas

Velhas

Vazias

Cerradas

Deitadas
Que ferem
Os espaços
Que tecem
Mordaças
Sem graça

Perpassa intacto
O impasse do tacto
Regressa à peça
Do tempo só tempo
Escasso momento
Intenso de tento
Que volta p'ra dentro
Perto do centro
Meio do fim

Clara a noite
Cega o frio
Apaga o medo
De frente p'ra mim

Manhã

Impasse que passa
Comparsa do sono
Levanta a voz
Perdida no corpo
Torrente pesada
Cansada de ver
Chover com força
Na rouca paixão

A mão fria
Mata e maltrata
O canto dos olhos
E venda de renda
A luz do dia
pesada

Amarga
De vez
A voz que trespassa
O impasse que passa
acorda

Metade verdade
Mito do tempo
Toma de assalto
O que resta
Do resto da festa
Que sopra
De dentro do vento

Escapa rebelde
O inverso do verso
Pintado no tecto
Resguardo de mim

De vez em quando
Sento-me à beira da minha janela
E apenas
Fico a ver os carros que passam na rua
Na minha rua
E olho-os com vigor e calma
E sinto neles o corropio que os leva e traz
De súbito
Corre-me aquela seiva quase de raiva nas mãos
Um sopro que respira em céu aberto
O grito forte sentido em campo de batalha
Rodízio tonto e embriagante
Que me leva
Daqui para além

E o silêncio da minha janela
Já não existe
Porque lá os ventos da minha vida
Contavam histórias
Agora os meus lábios molhados
Avançam contra o sol
E tecem tortos os dias
E não chegam à manhã

Na minha janela pousou débil
Um sabor a nada
Que se esgota atrás de cada sombra
Porque são tantas as sombras
Que entornam de êxtase a força
Com que levantava as minhas mãos

Palavra		palavras
Escrevo o dia		os dias
Pés descalços		
Lavram fronteiras		
Cheira a terra		
Batida		
Molhada		
Salgada		
Meia vontade meia		
De costas p'ro vento		viradas
Semeia pegadas		cerradas
Braços		
Abrços		
Mal feitos		lassa
Memória		
Da voz	a minha voz	
Foge	como foge	
Corre		
Sozinha		
Vingada		
Cansada		
De gente		gentes
Só gente		
Amargas		
armadas		
Fora do tempo		
Escorregam no cheiro		
Que levam preso às mãos		
Atadas		
Suadas		
Vagabundas		
Choram de raiva		
Ao assalto do vento		

Sombra	sombras
Esperam iguais	iguais
Tão iguais	
Encostadas	
De um só trago	
Só	passam
Passos	
Cada passo	
rima	Rimam
Risonhos	
Fazem vazios	
Laivos de dor	
Perto do fim	
Tão fim	
De frente para o sol	

de "Estrilho de vento"

Risos

Eternos de culpa

Mal dada

Pregada ao erro

Fora

De fora de dentro

Do quarto

Escuta

Estrilho de vento

Dança

A dança tonta

Que conta

E reconta

Alento do peito

Pousado na terra

Caminhada

Longa a caminhada

dos loucos

Escuta

Fora

De fora para dentro

Do quarto

Escuta

Estrilho de vento

Era a luz material que esbarrava dentro da porta
voltada para o largo onde se nascia
para nos estender da poeira dos
braços

os empedrados cegos e os gumes e os flancos
e um mar de vestes sobre a terra nua

E entravam nos nos olhos

— DANIEL MATOS —

Línguas e Literaturas Modernas (Estudos Portugueses)

Fundiam-se mastros estreitos

nos corredores da terra

— As trianças brincavam

paralelas aos astros —

e emparedavam-se súbitas as arestas das estantes

e as candelas verticais

para estancar os cumes

e as escadarias cúbicas das entradas altas

onde se movem incandescentes

as portas circulares nos fundos

como o sangue à boca dos olhos

pelas crateras largas

Cada braço defensor traía-se ao voltar-nos de costas
para um vulcão fundo

de "Sinhinho de vento"

Risos

Enrosca de culpa

Mal dade

Prepara-se para

Fera

De fora de dentro

Do que

DANIEL MATOS

(Linguas e Literaturas Modernas (Linguas Portuguesas))

Sinhinho de vento

Dança

A dança tenta

Que cante

E de casa

Almoço de peito

Provando na terra

Caminhada

Longa a caminhada

dos traços

Escuta

Para

De fora para dentro

Do quarto

Escuta

Sinhinho de vento

Era a luz material que esbarrava dentro da porta
voltada para o largo onde se nascia
para nos estender da poeira dos
braços
os empedrados céus e os gumes e os flancos
e um mar de vestes sobre a terra nua
E entravam-nos nos olhos
— violavam-nos os objectos —
traços rectilíneos materiais .
Fundiam-se mastros estreitos
nos corredores da terra
— As crianças brincavam
paralelas aos astros —
e emparedavam-se súbitas as arestas das estantes
e as candeias verticais
para estancar os cumes
e as escadarias cúbicas das entradas altas
onde se movem incandescentes
as portas circulares nos fundos
como o sangue à boca dos olhos
pelas crateras largas .
Cada braço defensor traía-se ao voltar-nos de costas
para um vulcão fundo .

Os campos percorrem maquilhados à chuva
de facas e pulsos levantando-se
da exaustão do sol
nas águas que atravessam as pétalas até aos seus ninhos
Altas flores subindo os rodados perfis de sangue
atravessadamente expostas das jarras para o calor da
loucura
desenvolvem-se e morrem na combustão do fumo
à volta e dentro dum braço que mergulha e floresce
só pela possível transponibilidade dum cubo,
cubo que sobe como um tronco extasiado para a luz arrefecida
estendido para os frutos encarroçados
na podridão à sua volta
Pode sair e entrar para a raiz dos testículos
como para as raízes das árvores
Abrir-se por um vaso plantado
debaixo do sol florido na pedra
Crescer agarrado ao pescoço
de esquadrias circunstanciais junto ao rebordo dos
rios
sentado de frente para o azul em arco
E sangrar a nudez na possibilidade do sol
arrancado à luz permeável do seu nome.
Respirar a ilusão da cor à volta do fumo. Tudo se levanta e morre
pela loucura dum vaso
vaso congeminado para as costas da mão flectidas
para o centro da mesa .
Cresce por um ramo atravessado
num arco arrefecido da sua ideia
Um arco edificado como uma mulher-árvore que desce e sobe
pelas colunas vertebrais do seu braço.
Braço que dança à volta das folhas,
flores e raízes regressando
da fixação dos seus frutos e da nudez da sua cor
Um ângulo arrancado à desconstrução do barro,
flores alaranjadas de dentro
respiram a indeterminação das pálpebras, ao cimo
e em baixo
nos ramos arrancados à água,
o vidro tracejado pela cintura do rosto.
Seu sangue voga o perfil escultural das plantas
e dos objectos
pulsa a combustão intrínseca
na habitação das casas e dos nomes
palavras imarcescíveis à boca,
presas no contorno dos ramos
para subir às árvores angulares da observação dos campos,
o sol morrendo os gumes dos seus lábios...
E o que é o sol

num músculo que queima as roldanas menstruais
à volta do pescoço,
atinge as crateras fixas do seu nome
um nome arrancado à boca do fumo, folhas verdes
raspam o perfil do tronco que nele arde,
os lábios angulares contra o seu gume
e o seu silêncio.

Nada tranluz a matéria que arde
como uma mulher-vaso, uma mulher-árvore
que roda à volta da cintura do pulso.

Respira oval
o tronco da cadeira verde
arrefecida
por dentro das costas replantadas
nas flores do barro ,
barro colado à mesa e à volta, sentado,
na podridão intersticial ao perfil dos punhos
como um braço-cubo arrefecido na solução
muscular da água.
desenvolvido no movimento da mão
abrindo para o fumo

Uma lâmpada flectida
para a insuficiência dos ramos,
que cresce com a nitidez do seu nome
arrancado à descida
para os corredores iluminados das palavras.

Símbolos e árvores desenvolvem
a sua posição no fumo.

Respiram e arfam.

E há raízes que sangram
pela abertura dos lábios.

vasos envelhecidos. Raízes que sobem inflorescíveis à boca
Flores plantadas na coloração do leite.
expulsas para a sua própria morte.

Folhas mortas, violentas, abatem-se no calor dos lábios.

Carregados sangram de ângulos rasos.

Só os lábios tocam a saliva quente

no sangue directo das suas pálpebras.

Folhas ácidas respiram e morrem a claridade do seu nome.

Sempre outro nome.

NA DAR -S
 O qu ERO
 NT e
 IR

Quero cair de costas
sobre os andaimes altos e únicos das cidades
triangulares
voltadas para as
luzes
Descer para as cidades portuárias
nos fundos dos mares
Talhar uma e cinco e dez mil faces nuas
Transgredir outras e tantas nos dedos
que se movem e ardem
para criar uma linguagem pura
única , para morrer e para amar-te
surda
sigilosamente
nos teus braços

O sangue amarelece
pela corrente de andaimes , luminosa
E verticais, húmidos , distantes navegam
Deslocam-se no mais alto espaço do fundo
Celestes, os olhos ascendem
as claras gotas de chuva
onde , suspensamente , à noite
se iluminam e ardem

Sabemos que as cidades se levantam
pelos seus próprios gumes
Fundem lagos carnais nos espelhos que esbatem
os claros ramos do sol
Os ramos mergulham pelos rostos
Vagarosamente, espreitam e acordam
para ficarem à espera que o Verão amadureça
nos seus

frutos
Entram e saem nos lábios materiais dos
outros ,
neles se
desenvolvem

A verticalidade afunda
para além dos raios que pulsam o
sangue

Ao sol , os olhos claros embatem e petrificam .
morrem voltados para o alto , contra as fontes que se
tocam
para além dos andaimes
pela pedra

E os astros no fundo

I. Immunoterapia

O latifundismo da impotência ocidental
Produz vírgulas
Censura hepatites de dicionários
Desfilam obsessas moedas
Com ordem do renascimento dos dogmáticos

EMILIANA CRUZ

Línguas e Literaturas Modernas (Português/Inglês)

E o lucro do salário no banco

Diagnosticaram
A inflação das metástases das bibliografias
No buraco da vicia
As sonoridades da estranheza
Segregam hélices de ansias
Omitindo o vírus

II Hipertermia Localizada

Os alicerces objectivos do método
Saudosista
Mutilaram a perfeição
Subjetiva
Do edifício apodrecido
E descobriram o stock ético
Do tango geométrico
— Labora flutuando
Nirvana hipnotiza nervos
A ponte de castidade
Ao separar a fibra do papel
Perdeu os três
E a camera clister
Receita sedativos às uras doentias
Habitantes no castelo da mentalidade
Parentes da doutrina
Política de filosofia silheta
Firma o regime constituído
Finge o laico na confissão
O Ilíeis "black and decker" inventa buracos na orelha
O tífico lexical impele o cristalino
— Amálgama invisual

Questões que se abrem
sobre as pedras altas e únicas das cidades
irregulares
voltadas para as
nozes
Fletem para as cidades por dentro
nos fundos dos mares
Tallar entre o céu e o chão - e dez mil faces nuas
Transparecem entre e sobre os dedos
que se movem e andam
para
sigilosamente
nos teus braços

O tempo atardecido
pela corrente de anáclises, luminosa
E verticais, híbridos, distantes navegam
Deslocam-se no mais alto espaço do fundo
Colastes, os olhos ascendem
as claras gotas de chuva
onde, suspensamente, à noite
se iluminam e ardem

Sabemos que as cidades se levantam
pelos seus próprios gumes
Fundem lajes carnas nos espelhos que esbatem
os claros ramos do sol.
Os ramos mergulham pelos rostos
Vagatosamente, espreitam e acordam
para ficarem à espera que o Verão amadureça
nos seus

frutos
Entram e saem nos lábios materiais dos
outros,
neles se
desenvolvem

A verticalidade afunda
para além dos raios que pulsam o
sangue

Ao sol, os olhos claros embatem e petrificam
sobre os voltados para o alto, como as fontes que se
tocam
para além dos andaimes
pela pedra

E os astros no fundo

I. Imunoterapia

O latifundismo da impotência ocidental
Produz vírgulas
Censura hepatites de dicionários
Desfilam obesas moedas
Com ordem do cepticismo dos dogmáticos
A dialéctica está desempregada
E o lucro do salário no banco

Diagnosticaram
A inflação das metástases das bibliografias
No buraco da viola
As sonoridades da estranheza
Segregam hélices de ânsias
Omitindo o vírus

II Hipertermia Localizada

Os alicerces objectivos do método
Saudosista
Mutilaram a perfeição
Subjectiva
Do edifício apodrecido
E descobriram o stock ético
Do tango geométrico
— Labora florindo
Nirvana hipnotiza nervos
A ponte de castidade
Ao separar a tinta do papel
Perdeu os três
E a caneta clister
Receita sedativos às taras doentias
Habitantes no castelo da mentalidade
Parentes da doutrina
Política da filosofia alheia
Finta o regime constituído
Finge o laico na confissão
O lápis “black and decker” inventa buracos na orelha
O tráfico lexical impele o cristalino
— Amálgama invisual

III Interferon

Hipotenusa
 $b^2 = a^2 + a^2$

A biópsia ao feto alfabético
Permite uma célula germinal ao cacto marginal
— Transporta o sêmen à crise do processo
O lápis apagou a etiologia

Adermia vocabular

Armário de pedra espelhada

Abrãço riscos

Aguardando vê-los

— morfologia

Do armário vermelho

Com portas de cor gélida

Guardam banais bules de loucura
chávenas de cicatrizes invisíveis

— Portas sem pegas

— morfologia

Do armário transparente

Com celas nítidas

Arrecadam senhas,

'campus' de diversão

Madrugando capas paisagísticas,

153 folhas

— morfologia

Das fechaduras

De pedra

Cujas chaves se perderam em redes rotas:

Amorfa

Discorrem fios engalfinhados
Pelas grades da varanda
Tenteiam por entre as fendas
Das janelas dos quartos fechados
E entram tenuamente,
Lá dentro envolvem-se
Nos membros possantes da mobília
Como que os abraçando fortemente.
Tomam o esplêndido espelho oval,
Devoram-lhe o reflexo
Deixando resquícios de uma orquídea
Capturada no portal.
Vão-se arrastando, enleiar
Agora o pêndulo, parando-o.
Os fios fortalecidos não têm espaço,
São obrigados a retrogradar
Em direcção a nenhures.

De - lírio

A gestão da sensação surpreende
A sublimação dos licores perturbados
Frenéticos
Volumes esforçados traem
O tesouro labirinto.
Projectos nítidos sofrem
O acidente do metro
O itinerário é agora o do engano
Surpreende, obedece, ira
Vê-se a voz
Na prostituição da regeneração
O instrumento febril, peculiar
De- pressão
Espreita
O sal e o açúcar detectados
No sacrifício

Um risco

Em desenho de - lírio

A partir do poema "eclipse e rendez-vous" de Nicole
Brossard

Inútil
Gritar
Pensar
Realidade
Pedras natureza
Multidão guerra cadáveres pele ossos
Devemos
Bocas vozes sílabas palavras sirenes silêncio
Consciência
Nós partilham a manhã
Excesso quer faca
Repete-se
Acaso
Anestesiar hormonas
Incendiar
Poder sujeito
Ser sinal
Sonhar sentido
Pregar perigo
Fecho
Lágrimas
Concluir
Violação
Recomeçar
A mentira

Água ao contrário
No mar de confusão turbada
Das algas transparentes
Garças de ferro espetam
Os peixes dourados
Sangram as conchas moles
Mancham a areia do fundo.

FLORBELA MARQUES

Línguas e Literaturas Modernas (Português/Inglês)

Palavras coadas de dor
Magoada, derramada por
Leitos de braços de água
Que correm sempre
Para o mesmo destino,
Cansam-se mas têm medo de
Mudar.
Queria que os peixes boiassem mas
Eles dizem que preferem
Ser perfurados
Pelas algas que os amam.

A partir do poema "eclipse e rendez-vous" de Nicole Brossard

Inútil
 Orlar
 Pensar
 Realidade
 Pedras naturais
 Múltiplas guetas ... cadáveres ... pele ... ossos
 Devocion
 Inútil ... sereias ... silêncio
 Condição

FLORELLA MARIN
 (algumas palavras do poema "eclipse e rendez-vous")

Existir que fica
 Repete-se
 Acaso
 Ametedor batimento
 Inevitável
 Poder equivo
 Ser sinal
 Sufocar sentido
 Pragar penço
 Fecho
 Ligar mas
 Conclui
 Violejo
 Reduzir
 A mente

Água ao contrário
No mar de confusão turbada
Das algas transparentes
Garras de ferro espetam
Os peixes dourados
Sangram as conchas moles
Mancham a areia do fundo.
As pedras não choram
E se falassem borbulhavam
Palavras ecoadas de dor
Magoada, derramada por
Leitos de braços de água
Que correm sempre
Para o mesmo destino.
Cansam-se mas têm medo de
Mudar.
Queria que os peixes boiassem mas
Eles dizem que preferem
Ser perfurados
Pelas algas que os amam.

Às vezes...
Chegamos ao cimo
Sem sentir a vertigem
Do que realmente se passa.
Sente-se e não se entende
E paramos a girar
Num pensamento oco
De ressacas duras
Com um vago sabor a alegria.
Mas procuramos estrelas que não caiam
Já, agora, porque ainda não sabemos o que
Desejamos.
Depois pegamos nas folhas secas
De tinta manchada
E marcamos impressões
Digitais
Na testa.
Chegámos ao cimo
Sem sentir como
E não queremos perceber.

U story

When I see anything I see you Looking at me
As I am.
And you are what I like.
More than just a world to be found
It's a small village
I will walk the narrow streets of.
Little white houses of lighted windows
With none inside.
Fresh flowery breezes
Of nothing
For no smell needs to fill
The air I breathe when you breathe the same I breathe.
And then the same turns into a different place,
I travel like crazy
But I always find myself
Beside u...

Poetry?!

When you reach for the pen,
Feeling lifted up from the concrete ground,
You stare at the bare, white paper
But you're writing alright:

In the twisted lines of your mind,
Soul or brain, plus the heart.

And you miss the very single moments of
Happiness
Standing in lonely chairs and benches
Near river canals and lazy swans
Looking to be written about.
So you did!

Ah, Poetry is nothing more than your
Enzymes working right or wrong.
It's wetting your feet in forbidden fountains,
Smiling to the vague, empty air,
Glaring at the glittering watery night.
It's lying in wet-green-dry-grass,
Listening to the onsets that listen
To your breathing.

Poetry could be what I'm made of
If only that were't fucking pretentious!

Uma súbita triste estranheza
De desejo grande reprimido...

Se me põem a ferros
Grito e morro...a seguir.

Mas como os gatos
Também tenho várias vidas...
Desde que não se gastem,
Desde que se desgastem
Primeiro
As correntes...

LINGUAGEM-MUNDO

Eu digo
asfixia o real liberta o imaginário
os objectos mortos estão sempre vivos
e os vivos são mortos

HUGO AMARAL

Línguas e Literaturas Modernas (Inglês/Alemão)

Encontra uma razão para viver —
se não puderem comprar "Blue Butterfly"
comprem um cão a cores!

Existir para pôr em dívida

Talvez como único observador deste espectáculo —
cidade como construção imóvel no espaço de luzes fixas

Dizer "Fai chaud"
é um exercício muscular e nervoso do pensamento
uma movimentação imaginada fisicamente
na realidade
é apenas uma sensação inquietante

Não sei...
estar inquieto e gostar de falar com estranhos.

Embriguez da moda?
Não se trata de coragem mas de competência!

Saber dizer palavras certas é conhecer o mundo
conhecer-me?
Fotografar e matar o mundo
numa mesa de café.

Penso neste (quase) todos os dias.
A paisagem é como um rosto
sempre com uma expressão particular
às vezes extraordinária
representação de algo que se desprende do geral
mas com efeito é assim
nunca tendo beat a mesma coisa.

Quando não sei — imagino
mas como fizê-lo?
nunca posso ser realidade mas não fantasia da realidade.

HUGO AMARAL
Linguas e Literaturas Modernas (Inglês/Alemão)

LINGUAGEM-MUNDO

Eu digo
asfixia o real liberta o imaginário
os objectos mortos estão sempre vivos
e os vivos são sempre amiúde mortos

Encontra uma razão para viver —
se não puderem comprar "Blue Butterfly"
comprem um cão a cores!

Existir para pôr em dúvida

Talvez como único observador deste espectáculo —
cidade como construção imóvel no espaço de luzes fixas

Dizer "J'ai chaud"
é um exercício muscular e nervoso do pensamento
uma movimentação imaginada fisicamente
na realidade
é apenas uma sensação inquietante.

Não sei...
estar inquieto e gostar de falar com estranhos.

Embriaguez da moda?
Não se trata de coragem mas de competência!

Saber dizer palavras certas é conhecer o mundo
conhecer-me?
Fotografar e matar o mundo
numa mesa de café.

Penso nisto (quase) todos os dias.
A paisagem é como um rosto
sempre com uma expressão particular
às vezes extraordinária
representação de algo que se desprende do geral
mas com efeito é assim
nunca sendo bem a mesma coisa.

Quando não sei — imagino
mas como fazê-lo?
nunca penso na realidade mas num fantasma da realidade.

Tendências

As assimetrias estão nas costuras
com pescoços semi-nus oblíquos
e pernas rasgadas por uma linha embriagada
que acorda na anca e adormece centro o joelho
ou outra linha transversalmente a mesma
que rompe a silhueta apertada.

Não quer estruturados
Figura que desperta à noite e não lava a cara

Surge de uma explosão de preto
embarcado em cabedal e brilhantes tipo chuva

Altas e finas agulhas
calçam um corpo frágil coberto de peles

Glamour é minimalismo *Couture*!
...e as calças largas e as transparências...
obrigatórias — mas não chegam

Mistura-se em contrastes tecidos de matérias étnicas

Barroca muito *Rock*
Selvagem Rebelde Sensual
Nostálgica Futurista Urbana Sintética
Degradada Luxuosa preciosamente Eléctrica

Sempre *Fashionably correct*

Os acessórios?

Toda ela sou eu.

E a noite virá carregada de mitos
mesmo a essa hora de brincos azuis

Danças e rituais de co(r)pos
e da boca sai a noite.

Não respire — ordena os fluxos
assim como quando sais do cinema
e se quebram os limites.

O sentido não vingou
sou aqui em sons duros de pó

Sempre que o movimento ascende
a energia falha.

Desculpa se não é charme!

Passeia-te e mostra-me as pernas
não te digas — incómodo
Esfrega-me brilhantes nos olhos
e sorri como quem diz — *just a perfect night!*

Tri-co-tar é fodido

Deste-mo já não to dou

Aah

Mas que fadas te dençam na mente?

Já disse: estou farto de tricôt!

Cansei-me de tri-co-tar!

Eu quero é berrar

berrar ou cantar a gente ausente

que não mente nem desmente

somente pensa a tricotar

fuma a tricotar

bebe a tricotar

faz amor a tricotar!

...

Mas contigo deixo-me ser

Eu sei que me vais entender.

Anda, escuta

Estende a tua mão

Enrola-te na minha ternura

Ouve a bebedeira do meu coração

Acorda para esta procura

e sufoca os que não são

Nada que és te pertence

E essa angústia que te vence

É de nada saberes que sou

Não temas,

a morte mata somente aqueles que fazem tricôt.

Noites de estrelas de pedra
planícies de dor doce

Procuro-te
nas vozes que incendeiam vazias
palavras adormecidas de gritos
nos sons azuis que ferem o sonho de um deus perdido

Procuro-te
na janela aberta para o abismo
nas raízes das flkores murchas ao silêncio

...

Enquanto não voltas e rompes a origem,
procuro-te na plateia de uma estreia de peça de teatro...

Ritual

os riscos dançam com o mar nos olhos.
amar é o horizonte que só os dedos alcançam.
nos traços da face
um prenúncio avança
que conquista sem lança

NATÁLIA SÓ NUNES

Línguas e Literaturas Modernas (Estudos Portugueses)

aprendo a ser solitário
neste porto sem cristais.

Deusas de esteira de prisma
plácidas de dor doce

Procuro-te
nas veias que incendiam várias
palavras armazenadas de prisma
nas veias que foram o sopro de um deus perdido

SEMUM OS ALIATAN

(sugestão de leitura) **semum os aliatan** I e angul I
nas veias das filares auctas ao silêncio

Enquanto não voltas e rompes a origem,
procuro-te na plateia de uma estufa de peça de teatro...

Ritual

os riscos dançam com o mar nos olhos.
amar é o horizonte que só os dedos alcançam.
nos traços da face
um prenúncio avança.
que conquista sem lança
esta que me acontece?

aprendo a ser solidão
neste porto sem cristais.

Insígnia do sol

são mimosas as passeadeiras de lama
na cidade.

recordam meninos a brincar
longe das nebulosas mal cheirosas
dos passeios.

são flores as árvores altíssimas
da urbe.

são água sempre a correr
nos caminhos da estrada.
nas folhas dos telhados
adivinhados.

são aves as rajadas
no sopro de borboletas.
borbulham gargalhadas
nos lagos dos jardins.
e crianças flutuam
como nenúfares ou penas
de um cisne. a suspirar.

No silêncio das metáforas

e os dedos espalham gargalhadas.
e espelham-nas a escorrer pelos olhos.
dentro do corpo. o som que estalido.

cresceram-me dedos nas mãos.
para t'amar em silêncio. sozinho.
nasceram-me lábios na boca. molhados.
parecidos com mantos de linho.

os sons enurteceram as melodias
do silêncio.
e as areias dançaram paradas
a ouvir.

o meu sonho é madrugada que ainda não pediu para vir.

Culto de um vício

a noite parece não fazer sentido
sem telefonemas pseudo-anónimos.

a vontade é de invadir a cave
dos prédios ambulantes sem paragem fixa.

e o desejo é um
é só uma a tentação.
e parece não ter fim.

Dali o mar

o infinito dos dias
repletos canis de gritos uivados
na bruma de um anoitecer qualquer.

a balada foi na praia
e o mar adormeceu as sereias.
o cantor nunca apareceu
e os músicos ficaram em casa.

os sons ensurdeceram as melodias
do silêncio.
e as areias dançaram paradas
a ouvir.

o meu sonho é madrugada que ainda não pediu para vir.

Dali e mir

o mundo dos dias
repleto de coisas vivas
na forma de um espírito qualquer

o mundo dos dias
repleto de coisas vivas
na forma de um espírito qualquer

os sons enantoprosistas as melodias
do silêncio
e as coisas dancaram pândas
a ouvir

e meu sonho é madrugada que ainda não pediu para vir

Sandra Guerreiro

a oração

nas frases pesadas

doce

pés cansados

de a c

(s)endo

SANDRA GUERREIRO
Línguas e Literaturas Modernas (Inglês/Alemão)

simetricamente

em
direcção
ao
redor
de
si mesma

o mesmo é dizer as horas gastas que se escutam
pingos espetando o asfalto

e fecha as mãos em sinal
contínuo

ao traçado do
aconchego
às ideias

húmidas

o restolho da noite sentido

no espelho

da água
do respirar

o algodão da dívida
fazoavelmente cozida
segundo o manual

SANDRA GUERREIRO
Linguas e Literaturas Modernas (Léxico/Artes)

a oração

nas frases pesadas

doce

pés cansados

d e s c

(s)endo

s i m e t r i c a m e n t e

em

direcção

ao

redor

de

si mesma

o mesmo é dizer as horas gastas que se escutam
pingos espetando o asfalto

engole em seco

e fecha as mãos em sinal
contínuo

ao traçado do
aconchego
às ideias

húmidas

o restolho da noite sentido

no espelho

da água

do respirar

mágico

fazemos beicinho
para voltarmos ao
silêncio

só

o algodão da dúvida
razoavelmente cozida
seguindo o manual

ao pulso
a dedo
as pregas do tique
tacteando os sons
ancorados no limite da face

os justos acertos
mantidos secretos
para serem depois
reflectidos

à pressa
sem hesitar

desaguando
na frente

do sonho acordado

O

divino
nas pontas das
unhas
roídas

Por enquanto, por enquanto,
Por enquanto, não sei quê...
Pobre alma, não tens sem prado.
E ouves como...

P
e
r
f
u

r
a

o

m
o

m
e

n
t

o

recostei
-me

na
linha
e pude

apreciar

o salivar
daquele minuto
ondulante

mágico

fazemos beicinho
para voltarmos ao
silêncio

r
e
f
l
e
c
t
i
d
o

na consciência
dos olhares
boquiabertos para
fugir

Sentamo-nos
rodeados
por ossados
com os bolsos
cheios
de dunas
das manhãs
salgadas

Escolhemos
programa
da TV
a dedo
pregados ao ócio
do

meio
dedilhando a
comunicação
socialmente empenhada
e interventiva
pelo diálogo
às bases
dos copos
pegajosos e
trincados

Resta-me o restolho
da conversa
anseio por uma PAC
por
alguma
companhia
qualquer coisa ponto
com
e

aninha-te

vamos estender as
conjunções
até que a nossa
objecção
e pontuação
saía
clarificada

para
continuarmos
a queimar

O
silêncio
eterno
das nossas
vidas*

diariamente

* substituir por 'mortes'
se necessário

pranto

(...)
*Por enquanto, por enquanto,
Por enquanto, não sei quê...
Pobre alma, choras sem pranto.
E ouves como quem vê.*

FERNANDO PESSOA

I

Do continente do pranto levantou-se uma asa de brisa por deflagrar.

Fora sopro que reacendera os focos que se aninhavam na manta da mata.

A manta onde o pranto mata.

Mato a morte
e outro tanto.
Que entretanto tanto faz,
pois a sorte já jaz.

E o amor, esse, ficou para trás.

II

O pranto da chama tapou-se com a manta.
Correu depois pelo mato fora até chegar à mata.

Veio a morte, veio a água a norte.

Entretanto tanto faz.

O seu encanto já jaz.

Entre a lua cheia e o quarto minguante
apeteceu-me escrever

*"...a poesia portuguesa no ano que agora finda (...) apontou sobretudo para uma
consubstanciação profunda com o real múltiplo..."*

Como se tivesse recebido uma transfusão e alguém do outro lado do correio as
palavras: *Continuamos a esperar por si*, e por mim que ninguém espera, *para fazer
mais uma dádiva... para que nenhum doente, às vezes mais paciente, aguarde pelo
seu tratamento com o componente.....que imponente e eu impotente.*

Estrumaram-me os pulsos
e atearam os foguetes.

E começou a eclodir
essa sensação de, caíndo em tentação
pensar escrevendo
e escrever pensando.

Não poderia perder este fio,
condutor
de prumo
e à meada.

Segurei enfaticamente esta vontade,
enquanto o corpo se debruçava sobre as palavras em forma de lexemas.

Dei por mim a meditar
como se estivesse a ditar os pensamentos para dentro das palavras.
Naquele quarto que mingava ao meu redor.

Entre aquela lua cheia.

Sónia Pereira

Fugiste no tempo
sem qualquer ser de repente
foi-se apagando a luz
da luz no movimento
da noite fosse

caíste no vazio chorando
por

SÓNIA PEREIRA

Línguas e Literaturas Modernas (Estudos Portugueses)

o mundo sem nome por desmoronamento

Entre a luz cheia e o quarto miagando

apeteceu-me escrever

*"...a poesia portuguesa no ano que agora finda (...). Escrever sobretudo para uma
comunicação profunda com o real cotidiano..."*

Como se tivesse recebido uma mensagem a alguma distância do correio as
palavras: *Continuamos a esperar por ti, e por mim que ninguém espera, para fazer
mais uma dádiva... para que tenhamos de vez em quando, mais presente, aguarde pelo
seu tratamento com o componente... que impune e se impõe.*

Estremeciam-me os pulsos

e azeiraram os olhos

É preciso a noção de

essa sensação de, caindo em tentação

pensar escrevendo

e escrever pensando.

Não poderia perder este fio,

condutor

de prumo

e à medida.

Segurei enfaticamente esta vontade,

enquanto o corpo se debriçava sobre as palavras em forma de letreiras.

Dei por mim a me lutar

como se estivesse a ditar os pensamentos para dentro das palavras.

Naquele quarto que miagava ao meu redor

Entre aquela luz cheia.

SÔNIA FERREIRA

(Linguagem e Literatura Modernas (Estudos Portugueses))

Fugiste no tempo
sem qualquer ser de repente
foi-se apagando a luz
da lua no murmúrio
da noite foste

calaste no vazio chamando
por mim
a solidão
o mundo sem nome por desmoronamento

revolvi-me na tua ausência
e perdi o(s) sentido(s)
nafraguei nas entranhas de um outro mundo
e quase sucumbi
A água baixou de novo e
no caminho para a superfície
encontrei-me mais perto de mim
para te perder

Cai o meu pensamento na tua chávena
e alinho as palavras
para to desenhar no fundo
mexes-me as ideias e
deitas-lhe o açúcar e
bebes sem apreciar

fico no fundo da chávena
à espera do novo trago

Lanço
na esfera
um grito mudo
que ecoa por mim
ao fazer-me longe
rompe-me o seio essa alvorada
difusa

Baixo-me, agarro e perco
o balão do tempo

secaram-se-me as palavras
secou-se-me o teu silêncio
inerte o frio que corta
ensurdece

agora por mim apenas
rios de passos
passam

que
securis-se-me as palavras
seco-se-me a tua aliança
inerte o fim das coisas
enquanto a tua voz se
desceste nos portos e nos
agora por mim apenas
nos de passos
passado e agora em outro
e hoje de novo

Miguel Alves

Olhar a Mãe

Manchado de sol
a secura esconde
o espelho manchado
a mãe

MIGUEL ALVES
Pré-Universitário (Filosofia)

MICHEL ALVES
Pré-Universidade (Lisboa)

Olhares perpendiculares
ao impossível

A cor que se obtém
a densidade que nos foge
na apreensão e representa
quase tendo que escolher

Ter que embrionar o corpo
É morrer constantemente
É para viver as coisas
acordar sem ver o amanhã

Um amanhecer eterno

Sabendo que o corrimão é sempre lá
e sabendo que a carta que lá aponta não se movimenta

As coisas certas são aquelas que não passam
Acontecessem todas à mesma vez
e não se levantavam para ver o amanhã

É o amanhecer que, ainda por cima, quer de saber que o amanhã é certo

Com o passar dos minutos as coisas certas permanecem as mesmas
No dissipar dos objetos
Tudo retoma a normalidade e a luz das coisas certas é a mesma das coisas certas
E eu pergunto: porque dissipam as coisas certas das coisas certas?
Para que aconteçam todas as coisas certas
e se façam nascer coisas certas das coisas certas
O mesmo sentir e o mesmo saber
de coisas certas certas as coisas certas as coisas certas
ambas certas com a luz das coisas certas

Olhar a Mão

Manchado de sol
a secura esconde
o espelho manchado
a mão fracturada
sobe e descalço.
No lado de cá do espelho.

Variações

As mãos sobre o ferro
os olhos no horizonte,
Um azul, um farrapo de céu.
Musculado de sensações,
progredir.
Olho o silêncio
e furo as gotas com a ponta dos dedos
na terminação de linhas paralelas
o começo do horizonte
só.

Olhares perpendiculares
ao impossível

A cor que se obtém
a densidade que nos foge
na apreensão e representação das coisas vivas
quase tendo que escolher entre estas e as coisas mortas.

Ter que embrionar o espírito das coisas mortas para perceber as coisas vivas
É morrer constantemente para poder respirar o ar das coisas vivas
E para viver as coisas mortas
acordar sem ver o amanhecer, o despertar das coisas

Um amanhecer eterno
Sabendo que os correios à minha frente abrem a horas certas
e sabendo que a carta que lá ponho está endereçada ao impossível

As coisas certas são as coisas vivas que se repetem
Acontecessem todas à mesma hora
e não se levantavam para ver o amanhecer

É o amanhecer que acorda para elas pois ele sabe que o amanhecer é certo

Com o passar dos minutos as coisas mortas passam a ser coisas vivas
No dissipar dos minutos
Tudo retoma a normalidade e a luz e cor das coisas mortas é a mesma das coisas vivas
E eu pergunto: porquê distinguir as coisas vivas das coisas mortas?
Para que aconteçam todas no mesmo lugar
e se façam nascer coisas sem ter que repartir o tempo
O mesmo sentir e o mesmo universo
de coisas certas como os contornos das palavras
ambas certas com a fotografia do amanhecer.

Olho de dentro os olhos. De fora
provoco um sorriso no meu interlocutor
olho a poesia como se nada fosse
como se ela não estivesse à minha frente
A minha palavra não é gente
não tem pessoa
é o universo mudo das sobras das coisas
Sou eu que passo despercebido
olho o meu ente
e não sei se estou lá.
no sangue da palavra

Estou personificado. como lapa na minha palavra
imaterial

Miguel Alves

Observar a infância como privilégio de algumas imagens deixa-nos ligados a um campo desconhecido e paradoxalmente a que temos memória. Apesar de tudo a infância tem lugar, forçamos nós, num largo espaço de tempo, vasto, onde carece a nossa memória real para um espaço de invenção. Sim, este é não só aquilo que foi como é a própria reinvenção que fazemos dele. Que nos dá um espaço de liberdade incompreensivelmente afogado na memória, ou seja, o único lugar em que se vive no tempo real como na memória deste possivelmente reinventada. Assim sendo, o universo de memórias apagadas dá lugar, por interesse, à constante reinvenção de um tempo histórico que nos invade no interesse pelo presente.

Ser pequeno é assim ser tudo, é talvez a possibilidade de um tempo real de natureza lúdica, isto é, que pode ser uma dimensão atemporal onde não existem distintos o passado, o presente e o futuro. É a possibilidade de uma existência real do ser, numa dimensão terrena a vivência de tempos simultâneos.

Por detrás da sua simplicidade a criança habita uma realidade quase inacessível porque não interior, ou seja, a criança não se estuda a si mesma de si para si como de si para outrem.

A invenção distingue-se assim da criação, percorre o tempo onde não são precisas as máquinas para nele viajar, a invenção de tudo o que já existe.

O lugar da memória começa a ter espaço com a memória viva e assim crescemos nascidos num tempo cronometrado - amputada a nossa grandeza para ser agora a nossa pequenez.

INDICE

Grça Cap	1
Alfonso H	3
Ana Maria	11
Carlos Ram	19
Célia Gon	27
Crisina N	35
Daniel Ma	43
Emiliana C	51
Florbeia M	59
Hugo Ary	67
Natália S	75
Sandra Gu	83
Sônia Pêre	91
Miguel Alves	99

O lugar da memória começa a ser espaço com a memória viva e assim crescemos
 nascidos num espaço cronometrado - dilatado para ser agora a nossa
 pequena.

ÍNDICE

Graça Capinha	1
Alfonso Hernández Torres	3
Ana Maria Pereira	11
Carlos Ramos	19
Célia Gonçalves	27
Cristina Néry	35
Daniel Matos	43
Emiliana Cruz	51
Florbela Marques	59
Hugo Amaral	67
Natália Só Nunes	75
Sandra Guerreiro	83
Sónia Pereira	91
Miguel Alves	99

Índice

1	Gracia Capinha
3	Alfonso Hernández Torres
11	Ann Maria Pereira
19	Carlos Ramos
27	Célia Gonçalves
35	Cristina Nery
43	Daniel Marcos
51	Emília Cruz
59	Fátima Mendes
67	Hugo Amaral
75	Natália Sô Juncos
83	Sandra Queiroz
91	Sónia Pereira
99	Miguel Aires



centro de estudos sociais

apartado 3087
3000 Coimbra
Portugal



